

## Léry e Nóbrega: experiências e narrativas musicais

Luisa Tombini Wittmann\*

**Resumo:** Esta comunicação discute os papéis da música em projetos missionários e coloniais na América Portuguesa, analisando principalmente as experiências e as narrativas do calvinista Jean de Léry e do jesuíta Manuel da Nóbrega, na metade do século XVI. A música, parte importante do universo indígena, se mostrou eficiente na aproximação, comunicação e tradução entre índios e europeus, tendo sido por estes observada, descrita e utilizada na evangelização. Este trabalho pretende inserir a música enquanto parte importante do processo de mediação cultural, revelando que a arte sonora foi acionada de diversas formas – tanto na ação quanto na escrita –, pelos sujeitos históricos envolvidos nos empreendimentos da França Antártica e da Companhia de Jesus.

**Palavras-chave:** Música – Missão – Tupi

**Abstract:** This paper discusses music in Portuguese America, especially the experiences and narratives of the Calvinist Jean de Léry and the Jesuit Manuel da Nóbrega, in the middle of sixteen century. Music, which had an important role in tupi culture, became significant in the relationship between Indians and Europeans, and was by these ones observed, described and utilized in the evangelization. This work includes music as an important element of contact, reveling that the art of sound was used in different forms – in experience and writing –, by the subjects of France Antartique and the Society of Jesus.

**Key-words:** Music – Mission – Indians

Na metade do século XVI, portugueses e franceses estabeleciam diferentes projetos missionários e coloniais em terras da América. A chegada dos primeiros jesuítas ao Brasil, sob o comando de Manuel da Nóbrega, deu início à evangelização dos gentios como um dos braços da colonização portuguesa. O primeiro provincial chegou à Bahia com cinco companheiros, na armada do governador-geral Tomé de Sousa, em 29 de março de 1549. Alguns anos depois, foi fundada a França Antártica por Nicolas Durand de Villegaignon, numa ilha na baía de Guanabara, no atual Estado do Rio de Janeiro. A necessidade de homens no forte de Coligny e as sangrentas guerras religiosas estabelecidas do outro lado do Atlântico fizeram com que um grupo de calvinistas embarcasse rumo ao empreendimento francês na costa do Brasil, entre eles o sapateiro e estudante de teologia Jean de Léry. No Novo Mundo, católicos e protestantes geraram narrativas tão diversas quanto suas experiências. Por um lado, temos a obra *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*, um relato de viagem onde o

---

\* Mestre em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), atualmente integrante do corpo de doutorandos desta mesma instituição com o projeto “Cravos e Maracás: música e teatro nas aldeias jesuíticas da América Portuguesa (séc. XVI-XVII)”, sob a orientação do Prof. Dr. John M. Monteiro, sendo bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

huguenote Léry descreve a travessia oceânica, a natureza e os habitantes locais, os costumes indígenas e as disputas religiosas com Villegaignon, que finalmente resultaram no seu abandono do projeto francês e na sua estadia de alguns meses em terra firme junto aos tupinambás. Por outro, temos uma infinidade de escritos jesuíticos que circulavam na Europa, mas também entre as missões estabelecidas na Ásia e na América. Neste conjunto documental existem tipos distintos de narrativas com propósitos religiosos e práticos, incluindo cartas, crônicas, informes e relatórios. Os principais representantes do início deste ambicioso projeto missionário iniciano fora da Europa são os padres Francisco Xavier e Manuel da Nóbrega.

Em relação aos escritos europeus que versam sobre a alteridade indígena, costuma-se distinguir radicalmente os portugueses dos franceses. Os colonos estariam interessados na obtenção da mão-de-obra indígena, enquanto os jesuítas estariam preocupados com a gestão das almas, tendo deixado gêneros pedagógicos na literatura sobre as missões. Jean de Léry, por sua vez, é comumente elogiado pela sua capacidade de abertura à diferença, imparcialidade, observação e estilo de escrita. Ele teria sido o mais fascinado pelos trópicos, tendo criando uma boa imagem do Brasil, dos índios e da sua viagem como “um intervalo feliz que ele recordaria mais tarde com nostalgia” (PERRONE-MOISÉS, 1996:90). Todavia, como nos alerta Andréa Daher, “a tese corrente de uma divisão no interior da ‘literatura’ sobre o Brasil – de um lado, a visão do colonizador português que deprecia a imagem do índio e, de outro, a do viajante francês que o exalta – é, no entanto, de extrema simplicidade” (DAHER, 2005:187). Na tentativa de escapar do enquadramento geral das fontes estudadas na visão de portugueses críticos *versus* franceses deslumbrados, o intento aqui é inserir Léry e Nóbrega como participantes de projetos coloniais e missionários distintos, analisando como a música – seja ela indígena, europeia ou hibridizada –, foi parte importante nas experiências e nas narrativas desses sujeitos históricos participantes da França Antártica e da Companhia de Jesus. Nesse sentido, serão reveladas semelhanças e diferenças entre os referidos autores, sem classificações *a priori* de toda sua obra, enfocando especificidades em relação à observação, à interpretação e ao uso da música na evangelização dos índios. As percepções sobre a música indígena, por exemplo, podem diferir inclusive no interior da narrativa de um mesmo escritor, seja ele jesuíta ou protestante, português ou francês.

Iniciaremos pelas experiências e pela narrativa do calvinista Jean de Léry, sempre em relação à música. É certamente no capítulo XVI de sua *Histoire*<sup>1</sup>, cujo tema é a religião dos

---

<sup>1</sup> O título do referido capítulo é “Religião dos selvagens da América; erros em que são mantidos por certos trapaceiros chamados caraíbas; ignorância de Deus”. A edição da obra consultada é a brasileira da editora

índios, que Léry mais discorre sobre música. Na terceira edição desta obra, publicada em 1585, foram incluídas as célebres notações de melodias tupi, que permaneceram como únicos espécimes musicais ao longo de quase dois séculos de história do Brasil.<sup>2</sup> Após afirmar que os tupinambás não tinham conhecimento do “verdadeiro” Deus, mas que acreditavam em espíritos malignos e na imortalidade da alma – e, inclusive, diziam que após a morte alcançariam o além das montanhas para dançar com os seus antepassados –, Léry elege um ritual indígena específico para demonstrar “como essas semente de religião (se é que as práticas dos selvagens possam merecer tal nome) brota e não se extingue neles, não obstante as trevas em que vivem” (LÉRY, 1980 [1578]:209).

A partir daí se desenrola um episódio interessante, uma experiência singular para o francês. Léry estava entre os tupinambás quando centenas deles se reuniram para um ritual comandado pelos “caraíbas”, episódio que costumava acontecer respeitando um intervalo de alguns anos, pelo menos. Grupos de homens, mulheres e crianças foram separados, cada um sendo proibido de sair da sua casa. Logo, Léry pôde ouvir um murmúrio dos homens, que pouco a pouco ergueram a voz e repetiram uma interjeição de encorajamento (*He, he, he, he*). As mulheres responderam com a mesma expressão, se agitando de tal maneira que o huguenote concluiu que estavam possuídas pelo diabo. Jean de Léry confessa que teve medo, no entanto “ao cessarem o ruído e os urros confusos dos homens, calaram-se também as mulheres e os meninos; mas voltaram todos a cantar, mas desta feita de um modo tão harmonioso que o medo passou e tive o desejo de tudo ver de perto” (LÉRY, 1980:212). O desejo se transformou em ação, não obstante as recomendações em contrário de um intérprete que, apesar de anos morando na aldeia indígena, nunca tivera coragem de se aproximar durante aqueles rituais tupis. Léry aproximou-se da casa de onde se ouvia o canto, abriu nela um buraco para espiar mais à vontade e por fim entrou no local, levando mais dois companheiros que também puderam ver e ouvir a cena, sem que os índios se incomodassem. Segue um trecho inspirado sobre o momento da transgressão do francês:

---

Itatiaia, de 1980, com tradução e notas de Sérgio Milliet, bibliografia de Paul Garrafel e colóquio na língua brasileira e notas tupinológicas de Plínio Ayrosa.

<sup>2</sup> Foi encontrado na década de 80, na cidade de Mogi das Cruzes, um documento musical datado de 1759. Pode ser considerada a partitura de obra mais antiga da época colonial, já que Léry nos legou apenas pequenos trechos de melodias tupi numa obra publicada na Europa. É interessante atentar para a coincidência da data daquela pauta musical brasileira, exatamente o ano da expulsão definitiva dos jesuítas do Brasil. Em relação à música indígena, teremos outros exemplos apenas a partir das expedições realizadas no século XIX, como a liderada pelos alemães Spix e Martius.

*Essas cerimônias duraram cerca de duas horas e durante esse tempo os quinhentos ou seiscentos selvagens não cessaram de dançar e cantar de um modo tão harmonioso que ninguém diria não conhecerem música. Se, como disse, no início dessa algazarra, me assustei, já agora me mantinha absorto em coro ouvindo os acordes dessa imensa multidão e sobretudo a cadência e o estribilho a cada copla: “Hê, he ayre, heyrá, heyrayre, heyra, heyre, uêh”. E ainda hoje quando me recordo essa cena sinto palpitar o coração e parece-me estar ouvindo. (LÉRY, 1980:215)*

Jean de Léry observa, porém não compreende. Contempla a música indígena, mas não decifra as palavras em tupi. Ao intérprete pede esclarecimentos, que conta sobre os lamentos indígenas pela morte de seus antepassados e, ao mesmo tempo, a celebração da sua valentia e a esperança de encontrá-los no futuro, onde todos dançariam em festa. Nas canções, disse o intérprete, celebravam ainda o fato de que em determinada época as águas transbordaram cobrindo toda a terra matando todos os homens, com exceção dos seus antepassados que se salvaram ao subirem em árvores muito altas. Este relato se desdobrou nas reflexões do calvinista sobre a semelhança deste mito indígena com o dilúvio bíblico, rapidamente concluindo que ao passar esta informação de geração em geração, os índios “tivessem deturpado a verdade, como é hábito dos homens; e isso é tanto mais natural, quanto, como vimos, não tendo nenhuma espécie de escritas, difícil se lhes torna conservar a pureza dos fatos ao transmiti-lo” (LÉRY, 1980:216).

A escrita conserva coisas e supera distâncias, é símbolo de poder. E quem a utiliza, segundo Léry, “deve louvar a Deus pela sua superioridade sobre os dessa quarta parte do mundo. Ao passo que os selvagens nada podem comunicar-se entre si a não ser pela palavra, nós, ao contrário, podemos nos entender por meio da escrita” (LÉRY, 1980:206). A Companhia de Jesus irá utilizar-se amplamente desta forma de comunicação em suas missões de evangelização pelo mundo. Antes dos escritos inacianos, porém, continuaremos a seguir o relato de viagem do francês protestante, especialmente a parte em que observa o ritual tupinambá. Léry ouve a música indígena, mas é incapaz de incluí-la em sua narrativa nos moldes que geralmente a constrói, ou seja, interpretando o modo de vida indígena segundo a cosmologia cristã e, conseqüentemente, inserindo os índios na história do Cristianismo. O historiador Michel de Certeau reflete que aqueles sons “não têm conteúdo inteligível. São chamados fora da órbita do sentido. Esquecimentos das precauções, perdas de entendimento, arrebatamentos” (DE CERTEAU, 1982:229).

Para dar significado àquilo que ouve Léry necessita de um intérprete, para então definir que na América a veracidade cristã, que lhe dá sentido ao mundo, está desvirtuada. É verossímil para ele que os antepassados dos tupinambás tenham sido expulsos de Canaã e vindo para a América. Segundo as ilações do huguenote, eles poderiam ser descendentes do

filho Caim de Noé e, por isso, trariam o estigma da maldição de Deus. A escuta da música, porém, não o permite estabelecer redes conclusivas tão plausíveis dentro da sua visão religiosa. Dá-se um corte na narrativa, “provocado pelos sobressaltos do coração que reconduz por aí ao instante que, ‘inteiramente encantado’, tomado pela voz do outro o observador se esqueceu de si mesmo” (DE CERTEAU, 1982:215). Léry fica simplesmente absorto pelo que ouve. Vive um momento de entrega, de deslumbramento. Diante da cena narrada, analisa De Certeau:

*Alguma coisa do próprio Léry não retorna de “là-bas”. Estes instantes rompem o tempo do viajante, da mesma maneira que a organização festiva dos tupi escapa da economia da história. O gasto e a perda designam um “presente”; formam uma série de “quedas” e, quase, de lapsos no discurso ocidental. [...] O “resto” de que falo é antes uma recaída, um efeito segundo desta operação, um dejetivo que ela produz ao triunfar, mas que não visava a produzir. Este dejetivo do pensamento construtor, sua recaída e seu recalçamento, isto será, finalmente, o outro. (DE CERTEAU, 1982: 227)*

O dejetivo é o outro, e o outro é a música. O lugar da música entre os índios é central. É através dela que o índio se expressa, vive seus rituais mais significativos. E é justamente ela, representante do outro sobre o qual se narra, que Léry experencia, mas não consegue esclarecer.

Houve, também, a escuta da voz cantada do próprio viajante pelo índio. Certa vez, Léry estava com alguns índios andando em busca de alimento. Ao ouvir pássaros, ver árvores e cheirar flores, ele sentiu um impulso de louvar a Deus cantando. O calvinista tinha um estilo de música preferido. Como não poderiam deixar de ser, eram estes os salmos protestantes arrolados pelo próprio Calvino. Na ocasião, cantou o salmo 104. Os índios, escreveu ele, “tiveram tamanho prazer na música de minhas palavras, pois o sentido não entendiam” (LÉRY, 1980:220). Novamente, a música do outro comove, no entanto o sentido dela escapa. Os jesuítas da Companhia de Jesus, ao contrário dos calvinistas franceses, não se manifestavam musicalmente em suas celebrações religiosas na Europa e lideraram um projeto missionário duradouro na América Portuguesa. Jean de Léry observou música indígena e cantou salmos protestantes para os índios. Fracassou, no entanto, na tentativa de estabelecer uma missão efetiva no Brasil, culpa que atribuiu à Villegaignon. Na dedicatória de seu livro ao conde Coligny, Léry revela seus propósitos narrativos e missionários: “Como minha intenção é a de perpetuar aqui a lembrança de uma viagem feita expressamente à América para estabelecer o verdadeiro serviço de Deus, entre os franceses que para aí se haviam retirado como entre os selvagens que habitam esses países” (LÉRY, 1980:31). Lamenta então

os erros do chefe do empreendimento, que acabaram impossibilitando a pregação do evangelho nesta longínqua parte do mundo. Por outro lado, é significativo e admitido o caráter etnológico de sua obra. O próprio Certeau identifica o ato de fundação da etnologia, como escrita da alteridade, no livro de Jean de Léry (POMPA, 2006:111).

O relato de viagem do missionário francês legou informações etnológicas importantes sobre os tupinambás, sendo inclusive considerado como o “breviário do etnólogo” por Claude Lévi-Strauss, em seu livro clássico *Tristes Trópicos*. Na época, tornou-se uma leitura do exótico de muito sucesso na Europa. É, no entanto, com a chegada dos jesuítas que se estabelece uma missão propriamente dita na América, a partir de um modelo instaurado pelo Concílio de Trento, justamente com intuito de conter o avanço do protestantismo incitado pela Reforma. A Companhia de Jesus se torna a ordem católica mais importante, no que se refere ao apostolado missionário, enviando jesuítas para diversos pontos de mundo. Com os olhos voltados para a evangelização, o fundador Inácio de Loyola estabeleceu regras de comportamento e de escrita a serem seguidas pelos inacianos espalhados em missão. Em Jean de Léry, malogra o intento missionário e afloram informações etnológicas. Com os jesuítas, temos menos etnologia e mais missão. Há, no entanto, nuances que ultrapassam a tentativa de uma divisão rígida. Nesse sentido, pode-se perceber também uma dimensão missionária nas ações do calvinista e dados etnológicos nos escritos jesuítas. A narrativa de ambos, porém, é totalmente distinta. É fundamental, portanto, que a análise do historiador leve em conta diferentes experiências e escritos, para que possa ser complexificado o quadro da música no contato entre brancos e índios na América Portuguesa.

Jean de Léry escreveu um relato de viagem, publicado vinte anos após sua estada no Brasil. Daqui levou algumas anotações, sem intenção de publicar, que reviu e ampliou mais tarde, em plena guerra religiosa entre protestantes e papistas que assolou a França. Certa vez, o manuscrito foi entregue a um amigo, que nas mãos de um criado que iria devolvê-lo foi perdido. Léry reescreveu tudo de memória, e mais tarde voltou a perder a obra. A saga do relato termina na década de 70 do século XVI, quando o primeiro manuscrito sumido foi encontrado. O autor finalmente prepara o escrito para a publicação, que se deu no ano de 1578 pela editora La Rochelle, sob a responsabilidade de Antoine Chuppin. Em apenas um século, fez-se diversas edições da obra de Léry, que como dito ganhou notoriedade entre os leitores ávidos por histórias sobre o Novo Mundo, especialmente quando contadas pelo próprio viajante que afirma ter visto o que conta, dando legitimidade à narrativa.

A Companhia de Jesus era essencialmente uma ordem de letrados, seus primeiros jesuítas eram todos mestres em Letras. Era através da circulação dos registros escritos pelos

missionários, enviados aos quatro cantos do mundo, e pelos superiores que permaneciam na Europa que se estabelecia comunicação, controle e organização das atividades da ordem inaciana. A narrativa jesuítica seguia regras estipuladas pelo fundador Inácio de Loyola, que entendia a salvação das almas e a busca da vontade divina como primordiais na vida de cada missionário. O próprio Loyola chegou a redigir quase sete mil cartas entre os anos de 1524 e 1556. “Sob a influência do padre Ignácio a Companhia, desde os primeiros anos, utilizou a escrita como forma predominantemente de comunicação, ação e registro” (TORRES-LONDOÑO, 2002:17).

As correspondências que circulavam entre América, Ásia e Europa tinham uma importância estratégica e, conseqüentemente, tornaram-se referência para estudos sobre a Companhia de Jesus, seja qual for seu enfoque. Por um lado, registravam informações muitas vezes detalhadas – para a felicidade do historiador –, sobre o apostolado cotidiano. Por outro, criavam uma imagem idealizada visando convencer novos missionários a se engajarem na empreitada além-mar, além de estimular a edificação e o apoio ao projeto inaciano. Assim sendo, encontramos cartas que louvam a atividade missionária, enfatizando seus acertos e avanços para serem lidos por um público amplo, e folhas separadas para solicitar auxílios e recomendações aos superiores, devido às dificuldades encontradas nos campos da missão. Definiu-se chamá-las, respectivamente, de cartas (ou relatos) edificantes, redigidas num estilo medieval e formalizado, e *hijuelas*, dentro do estilo clássico e informal. A rotina de troca de correspondências entre os jesuítas, estabelecida por Inácio de Loyola, acabou se tornando fundamental para a ordem, resultando em seiscentas cartas enviadas das missões do Brasil entre 1549 e 1610. Era, afinal, a única via de comunicação dos missionários inacianos alastrados por três continentes.

“A instituição epistolar era a espinha dorsal da empresa missionária jesuítica no século XVI”, e a música aparece em suas narrativas de diversas formas (EISENBERG, 2000:49/57). Com características apologéticas, missionários elevam seu trabalho contando satisfeitos que os índios aprendiam a cantar e a tocar música religiosa, tornando-se assim bons cristãos. Por outro lado, revelam casos de resistência ao abandono ou incitação de certas práticas rituais indígenas, classificadas como demoníacas. Desde a sua chegada, os jesuítas ensinaram orações cantadas vertidas ao tupi, melodias tupis com letras cristãs e até mesmo cantaram música indígena. E é através de cartas que se revela o debate mais inflamado sobre o uso – ou não – da música na catequização dos tupi no Brasil, estabelecido entre o bispo Sardinha e o padre Nóbrega. O visitador se espanta ao chegar às aldeias jesuíticas e encontrar europeus cantando e tocando ao modo indígena. Em carta enviada ao padre Simão Rodrigues, em julho

de 1552, Nóbrega justifica aquelas manifestações musicais afirmando que a aceitação daqueles costumes indígenas não ofendia a religião católica e que a música aproximava os índios dos missionários e, conseqüentemente, do evangelho: “Acustumavão cantar pelo mesmo toom dos Índios, e com seus instrumentos, cantigas na lingua em louvor de N. Senhor, com que se muyto athrahião os corações dos Índios” (Apud LEITE, 1954:373).

A experiência cotidiana com o povo tupi, amante da música, fez com que os jesuítas fizessem uso dela nas missões da América Portuguesa. A Companhia de Jesus, como dito, era uma ordem que não se manifestava musicalmente em suas celebrações na Europa, ao contrário dos seus desafetos que professavam o protestantismo. Torna-se, portanto, ainda mais latente o fato de que a convivência com o outro tenha estimulado os missionários a cantarem nas aldeias. O gosto acentuado dos índios pela música e o desejo que manifestavam em expressá-la e aprendê-la, desde os primeiros momentos do contato com os jesuítas, fez com que alguns catequizadores a utilizassem como forma de aproximação, comunicação e tradução com os tupi da costa. E o fizeram de maneiras diversas, através das sonoridades europeia e indígena. É importante destacar que a Companhia de Jesus valorizava, além da obediência, a prudência de seus evangelizadores. Por isso, a ordem admitia que houvesse adaptações das normas pelos jesuítas em missão fora da Europa, desde que estes justificassem suas atitudes através de cartas destinadas aos superiores, como ocorreu, por exemplo, no caso da disputa entre Nóbrega e Sardinha.<sup>3</sup>

Jean de Léry e Manuel da Nóbrega, um que escuta maravilhado e outro que admite o cantar ao modo indígena, registraram também sua reprovação das manifestações do outro. Léry se indigna com os caraíbas que segundo ele espalham mentiras, afirmando que podem se comunicar com os espíritos e fazer crescer alimentos, liderando estas cerimônias “durante as quais os tupinambás praticam essas macaquices” (LÉRY, 1980: 216). Nóbrega também critica enfaticamente os pajés em muitas de suas cartas. Menos de um ano após a sua chegada, em janeiro de 1550, ele elogia o padre Navarro que ensinou as crianças a cantarem orações em tupi, “dando-lhes o tom, e estas em lugar de certas canções lascivas e diabólicas que antes usavam” (Apud CASTAGNA, 1991:23). Os sons ligados aos rituais liderados pelos pajés, quando estes diziam se comunicar com os espíritos, traziam desgostos para os cristãos europeus, sejam eles católicos ou protestantes.

---

<sup>3</sup> Para maiores informações sobre o uso da música nas aldeias jesuíticas nos chamados tempos heróicos, ver WITTMANN, Luisa T. *A música nos primeiros anos de presença jesuítica no Brasil*. In: Anais eletrônicos do XIX Encontro Regional de História da seção São Paulo da Anpuh, realizado na Universidade de São Paulo, em setembro de 2008.



A *Histoire* de Léry e as cartas de Nóbrega resultam de diferentes experiências estabelecidas no Novo Mundo. Em relação à música, são também singulares. O huguenote descreve a música indígena e a registra inclusive em pauta, mas diante de sons tão díspares praticamente rompe sua narrativa de inclusão daqueles habitantes numa história cristã. Léry observa, ouve, fica fascinado, mas não consegue esclarecer aquela manifestação sonora do outro. Ao mesmo tempo, descreve rituais indígenas revelando-se um atento observador, alimentando uma idéia do bom selvagem e tendo, por fim, sua obra considerada como o início de um olhar etnológico. Fracassa, porém, em seus intentos missionários. Léry teve que despedir-se como um exilado e acaba gerando “um manifesto contra a tirania de Villegaignon e as crueldades da colonização luso-espanhola. (...) A apologia do selvagem possibilita a Jean de Léry condenar radicalmente todo e qualquer projeto evangélico e colonial na América” (DAHER, 2005:199).

Os jesuítas, pelo contrário, estabelecem um projeto longo de missão e o registram seguindo regras diretas de Loyola, que reserva à escrita um lugar essencial como forma de comunicação e organização das atividades da Companhia de Jesus. Assim sendo, temos correspondências em que Nóbrega justifica o uso da música na evangelização – seja ela européia, indígena ou hibridizada –, como estratégia missionária fundamental. Os jesuítas não haviam compreendido a música do outro em si, mas sim a importância que ela tinha no seu modo de se expressar. A música sacra cantada por índios aparece em relevo nas cartas jesuíticas que buscam edificar a missão, é verdade. Há, porém, indícios que revelam diversas formas sonoras expressadas nas aldeias jesuíticas, inclusive padres cantando ao modo indígena. Os jesuítas acabaram utilizando de forma contínua a música, atribuindo a ela papel primordial no seu projeto missionário. Léry, por outro lado, apenas escuta o som do outro e canta para si os salmos protestantes, necessitando para entendimento mútuo básico do sentido da música uma tradução de suas letras. Foram experiências distintas que resultaram em narrativas singulares. O que permanece comum é a importância que a música teve nas relações entre índios e brancos, ecoando de diversas formas, com diferentes intentos, nas terras do Novo Mundo.

## **Bibliografia**

BRAGA, Henriqueta Rosa Fernandes. *Música sacra evangélica no Brasil* (contribuição à sua história). São Paulo: Livraria Kosmos Editora Erich Eichner e Cia Ltda., 1961.

CASTAGNA, Paulo. *Fontes bibliográficas para a pesquisa da prática musical nos séculos XVI e XVII*. [Dissertação de Mestrado]. Artes: ECA-USP, 1991.

CUNHA, Manuela Carneiro da. “Imagens de índios do Brasil: o século XVI”. *Estudos Avançados*, vol. 4, n 10. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados, set/dez, 1990.

DAHER, Andréa. “A viagem de Jean de Léry e a missão de Claude D’Abbeville no Brasil (séculos XVI e XVII)”. In: COSTIGAN, Lúcia Helena. *Diálogos da conversão: missionários, índios, negros e judeus no contexto ibero-americano do período barroco*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

EISENBERG, José. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno: encontros culturais, aventuras teóricas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

LEITE, Serafim. *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.

LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. “Alegres trópicos: Gonneville, Thevet e Léry”. *Revista USP* (30), jun/ago, 1996.

POMPA, Cristina. “Para uma antropologia histórica das missões”. In: MONTERO, Paula (org.). *Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Globo, 2006.

TORRES-LONDOÑO, Fernando. “Escrevendo cartas: jesuítas, escrita e missão no século XVI”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Humanitas Publicações, vol. 22, n. 43, 2002.